

A SALAMANCA DO JARAU, ou "tudo o que volteia no ar tem seu dia de aquietar-se no chão..."¹

REGINA ZILBERMAN

A associação da lenda da Salamanca do Jarau, recolhida por João Simões Lopes Neto, com o mito fáustico é suscitada por Blau Nunes, personagem e narrador do texto, de quem se diz ter "parte com o diabo".² A informação corre de boca em boca, dando conta de seu pacto, consequência do encontro do protagonista com o guardião da gruta do cerro do Jarau, ele mesmo pactário e, por causa disso, cumprindo pena de 200 anos. Este conseguirá, depois, livrar-se da condição de prisioneiro do demônio, graças à ação de Blau, que, marginalizado pelos seus, luta por sua própria liberação.

A lenda tem origem ibérica, mas já fazia parte da tradição sul-rio-grandense antes mesmo de receber o tratamento literário do escritor pelotense. Não é tão popular quanto a do Negrinho do Pastoreio, mas, especialmente quando trabalhada por Simões Lopes Neto nas *Lendas do Sul*, apresenta características típicas da cultura gaúcha. Examinar-se-ão, pois, a presença do mito fáustico no texto e, depois, as peculiaridades que o autor conferiu ao tema, considerando o contexto local e suas concepções. Analisam-se ainda as relações com a cultura do Estado e as razões possíveis de sua transferência ao universo sulino.

TEMA E NARRATIVA

As relações entre o ser humano e o demônio aparecem por duas vezes na lenda, relacionadas às personagens principais. Cabe recapitular a história para se verificar o significado que têm essas aparições.

Blau anda em busca do boi barroso, "boi encantado, que aparecia porém nunca era encontrado por muito procurado que fosse",³ conforme esclarece Simões Lopes Neto nas "Elucidações" apostas ao texto. Blau é um "gaúcho

Regina Zilberman. Professora na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

1 Lopes Neto, João Simões. "A Salamanca do Jarau". In: *Contos gauchescos. Lendas do Sul. Casos do Romualdo*. Edição crítica por Lígia Chiappini. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: MinC/Pró-Memória. Instituto Nacional do Livro, 1988, p. 144.

2 Cf. Lopes Neto, João Simões, op. cit. p. 161: "Então começou a correr um boquejo de ouvido para ouvido... e era que ele [Blau Nunes] tinha parte com o diabo, e que o dinheiro dele era maldito".

3 Cf. "Elucidação", nota 04. In: Lopes Neto, João Simões. op. cit. p. 165.

pobre",⁴ mas empobrecido porque sua vida vai mal; enquanto procura, o rapaz vai pensando no "atraso de suas cousas" (p. 141).

No caminho, Blau encontra o "santão da salamanca do cerro" (p. 142); vence o medo ("um homem é para outro homem!...", p. 142)) e conta o que sabe do mito: a salamanca e uma "furna escura" (p. 142), onde era guardado o "condão mágico" (p. 142); chegara ali trazido pelos mouros, fugidos da Espanha após a vitória dos cristãos. Na terra da "gente pampiana" (p. 143), os mouros aliaram-se a Anhangá-Pitã, conforme nova elucidação de Simões Lopes o "diabo vermelho" (p. 165), que converteu a princesa que os acompanhava em teiniaguá e o condão em pedra luminosa, colocada na cabeça do animal.

O guardião continua a narrativa, de que é protagonista: quando era jovem e sacristão da igreja de São Tomé (situada no lado ocidental do rio Uruguai, hoje Argentina), aprisionou, numa tarde muito quente em que todos dormiam, a teiniaguá. De posse do animal mágico, sonha com as riquezas que poderia vir a ter:

Fechei a guampa dentro da canastra e fiquei estatelado, pensando.

Pelo falar do padre superior eu bem sabia que quem prendesse a teiniaguá ficava sendo o homem mais rico do mundo; (...)

E eu, agora! ...

E não pensei mais dentro da minha cabeça, não; era uma cousa nova e esquisita: eu via, com os olhos, os pensamentos diante deles, como si fossem cousas que se pudesse tatear com as mãos...

E foram se escancarando portas de castelos e palácios, onde eu entrava e saía, subia e descia escadarias largas, chegava às janelas, arredava resposteiros, deitava-me em camas grandes, de pés torneados, esbarrava-me em trastes que nunca tinha visto e servia-me em baixelas estranhas, que eu não sabia para o que prestavam...

E foram-se estendendo e alargando campos sem fim, perdendo o verde no azul das distâncias, e ainda lindando com outras estâncias, que também eram minhas e todas cheias de gadaria, rebanhos e manadas...

E logo cancheava erva nos meus ervais, cerrados e altos como mato virgem...

E atulhava de planta colhida - milho, feijão, mandioca - os meus paióis.

E detrás das minhas camas, em todos os quartos dos meus palácios, amontoava surrões de ouro em pós e pilhotes de barras de prata; dependuradas na galhação de cem cabeças de cervos, tinha bolsas de couro e de veludo, atochadas de diamantes, brancos como gotas d'água filtrada em pedra, que os meus escravos - saídos mil, chegados dez -, tinham ido catar em profundas do sertão, muito para lá duma cachoeira grande, em meia-lua, chamada de I-guaçu, muito pra lá doutra cachoeira grande, de sete saltos, chamadas de I-guaíra...

4 Lopes Neto, João Simões. op. cit. p. 140. As demais citações provêm dessa edição, indicando-se somente a página onde se encontram.

Tudo isto eu podia ter – e tinha, de meu, tinha! –, porque era dono da teiniguá, que estava presa dentro da guampa, fechada na canastra forrada de couro cru, tauxiada de cobre, dobradiças de bronze!... (p. 146-7)

O sacristão é, porém, seduzido pela princesa, “rosa dos tesouros escondidos dentro da casa do mundo” (p. 148), que lhe promete amor e riqueza, desde que “a cruz do teu rosário não me esconjurar” (p. 148). O sacristão foi saindo de mim, como o sumo se afasta do bagaço, como o aroma sai da flor que vai apodrecendo...” (p. 148)

O sacristão e a princesa vivem em pecado, até serem descobertos; o rapaz é condenado à morte pelo garrote, mas não confessa seus crimes. No momento da execução, lembra da princesa e do amor por ela; e acaba sendo salvo pela conjunção das forças demoníacas e da natureza, que assustam as pessoas e deixam o condenado sozinho. O momento é caótico, e só se restabelece a ordem pela intervenção divina; mas o sacristão, agora vivendo com a princesa e tornado guardião da salamanca, não é perdoado.

A retrospectiva encerra com a confissão, pelo narrador, de que tem a riqueza que desejou, mas enfiado, sonha com a liberdade, possível desde que saudado como cristão. Apenas Blau, que chegou ali “sem pensar” (p. 153) nas promessas contidas no cerro, “me saudou [ao sacristão] como filho de Deus” (p. 153), dando o primeiro passo no sentido da salvação do casal pecador.

Blau, insuflado pelo guardião, resolve enfrentar as provas e habilitar-se às riquezas da gruta; é bem sucedido, mas recusa as ofertas: sorte no jogo; conquista de mulheres; saber medicinal; boa pontaria; poder político; riqueza; habilidade artística. Blau quer tudo (v. p. 158) e não leva nada, apenas, como consolo, a onça de ouro que se reproduz indefinidamente.

Com a onça mágica, Blau enriquece; mas fica mal visto, porque seu dinheiro causa problemas aos que o recebem; todos pensam que ele “tinha parte com o diabo” (p. 161) e isolam-no. Blau Nunes resolve devolver a moeda e, ao reencontrar o guardião, faz por duas vezes a saudação necessária, quebrando o encantamento. Metamorfoseia-se o par encantado, a princesa transformando-se em “tapuia formosa”, o sacristão, em “guasca desempenado” (p. 164). De novo pobre, Blau sente o coração aliviado” (p. 164):

E agora, estava certo de que era pobre como dantes, porém que comeria em paz o seu churrasco...; e em paz o seu chimarrão, em paz a sua sesta, em paz a sua vida!... (p. 163)

O PACTO

O pacto aparece por duas vezes na narrativa, executado por duas personagens diferentes, mas motivadas, ambas, pela mesma razão: a pobreza. Divergem elas, todavia, quanto ao nível de justificativa: a ação do sacristão só parcialmente é aceitável, porque, embora pobre, ele está sendo conduzido a uma vida religiosa, de renúncia e singeleza. Blau, por sua vez, está sendo as-

solado pela má fortuna, e o início do texto narra o encontro com o Calpura, com suas conseqüências malélicas: perdeu a destreza de homem valente, abandonou-o a perícia como domador e não vingam suas plantações.

De todo modo, ambas as personagens apresentam atenuantes: no caso do sacristão, a ambição é substituída pelo amor. Além disso, o Diabo, segundo se revela por duas vezes, “não tomou tenência que a teiniaguá era mulher...” (p. 144 e p. 164), sugestão do narrador de que as coisas não correrão conforme o esperado. Com efeito, a moça literalmente move céus e terra para libertar o amado por ocasião do cumprimento da sentença de morte pelo garrote. Blau Nunes, por seu turno, chega à gruta sem querer e, depois, nada o satisfaz; por fim se conforma, vale dizer, satisfaz-se com muito pouco.

O recurso às atenuantes inaugura as modificações introduzidas por Simões Lopes ao mito fáustico. Outras aparecem:

a) duplicam-se aos pactários, que são o sacristão e Blau, liberador do primeiro. Blau pode ser simultaneamente pactário e salvador, porque passa pela mesma situação do sacristão, mas supera as tentações: embora, como o outro, seja atraído pela riqueza e pela teiniaguá, vence as provas, o que equivale à sua abstinência, não se corrompe e renuncia a todo o tipo de enriquecimento, desde o representado pelo poder até o concretizado no vil metal (a onça encantada). O “gaúcho pobre” está em busca de sua salvação, mas, ao alcançá-la, salva o outro, que, livre, se metamorfoseia no “guasca desempenado”, vale dizer, num sujeito similar ao próprio Blau.

b) Os pactários arrependem-se enquanto usufruem os privilégios resultantes do pacto, e não depois de perderem-nos; isso garante a salvação de ambos.

c) A salvação decorre igualmente da des-erotização do mito original. Se o sacristão se perde por aliar ambição e paixão, em Blau estão ausentes ambas. É o que leva ao final feliz da narrativa, onde se verifica igualmente a dessacralização do mito original, já que as personagens mágicas detentoras de poderes extraordinários transferem-se ao mundo profano e tornam-se pessoas comuns, pertencentes ao grupo socialmente inferiorizado, o mesmo de Blau Nunes, “gaúcho pobre”.

TRANSFORMAÇÕES

Ao trabalhar a lenda, João Simões Lopes Neto converte o tema em objeto de um mito de origem,⁵ apresentando o nascimento do Rio Grande do Sul e sua condição atual. A narrativa cobre um aprisionamento do sacristão e a princesa moura correspondendo aos eventos situados entre os anos 1650 e 1850.

Acompanham-se, assim, fatos que se estendem desde o início da ocupação da região ao pleno estabelecimento da classe patronal, latifundiária e criadora de gado. Compreende da época de formação do Rio Grande do Sul, no século XVII, dominada pela política catequética dos jesuítas, à de consolidação no século

5 Emprega-se o termo no sentido que lhe dá Mircea Eliade. Cf. Eliade, Mircea. *Mito y realidad*. Madrid: Guadarrama, 1968.

XIX, da estrutura agrária, possível graças, de um lado, à expulsão dos padres missionários, incorporação da área à colônia portuguesa, destruição dos Sete Povos e submissão dos indígenas, de outro, à introdução da economia pastoril e tomada do poder pelos grandes proprietários de terra, hegemônicos à época em que começa a narração do texto e se encerra a ação dessacralizadora de Blau.

A narrativa não é apresentada segundo o ponto de vista dos sujeitos desses acontecimentos, sejam eles os jesuítas que administravam a região à época em que o sacristão foi seduzido pela teiniaguá, sejam os latifundiários que comandavam a política local quando Blau encontrou a gruta, com seus tesouros, e libertou as vítimas do demônio. Os protagonistas estão submetidos aos senhores da terra, o sacristão servindo aos padres, Blau dependendo de seu trabalho manual, administravam a região à época em que o sacristão foi seduzido pela teiniaguá, sejam os latifundiários que comandavam a política local quando Blau encontrou a gruta, com seus tesouros, e libertou as vítimas do demônio. Os protagonistas estão submetidos aos senhores da terra, o sacristão servindo aos padres, Blau dependendo de seu trabalho manual.

Embora protagonistas e heróis, essas personagens precisam se conformar à situação humilde e rebaixada, com que iniciam e concluem suas respectivas aventuras. O guardião da gruta fora índio catequizado e acaba "guasca desempenado", Blau começa e termina "gaúcho pobre". A inferioridade social (e étnica, no caso do sacristão e da teiniaguá) é reforçada ao final do mito, mas agora equivale à paz e à felicidade, conforme apontam as palavras finais da lenda, citadas antes.

O pacto com o diabo representa, assim, um passo em falso, isto é, corresponde a uma *antiprova*, porque não resulta num melhoramento, e sim piora o estado das personagens, nem os qualifica, e sim rebaixa ou isola seus atores. Inverte-se o padrão usual das narrativas populares de aventuras, em que o protagonista pobre supera sua condição e impõe-se aos poderosos;⁶ aqui, eles retornam à situação original, apenas mais experientes e submissos, sofridos, mas adaptados.

Este conteúdo não deixa de estar presente no mito de Fausto, que, ao proceder ao pacto com o demônio e, nesse sentido, provar o fruto proibido da sabedoria, longevidade e poder, atualiza e re-ritualiza o mito adâmico. Em ambos os casos, trata-se de mostrar ao homem seus limites e explicar não só porque é mister conformar-se a eles, mas contar que isso aconteceu no passado, antes de nós, ouvintes, existirmos, razão por que ficou assim, o que precisamos igualmente aceitar.

Transferido para o contexto do Rio Grande do Sul, o sentido do mito se mantém; por isso, protagonistas e usuários pertencem aos grupos socialmente inferiorizados. É para eles que cabe contar como se originou sua condição rebaixada, afirmar que esta é imutável e sugerir que não compensa tentar alterá-la, pois "tudo o que volteia no ar tem seu dia de aquietar-se no chão..."

6 Cf. a respeito Greimas, A. J. *Sémantique structurale*. Paris: Larousse, 1966. E Bremond, Claude. *Logique du récit*. Paris: Seuil, 1973.